

**O PERFIL MOTOR DE ALUNOS DO 5º ANO DO CICLO FUNDAMENTAL I:
RELAÇÃO COM O NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E A FREQUÊNCIA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PERFIL MOTOR DE LOS ESTUDIANTES DO 5 AÑO DEL CICLO BÁSICO I:
RELACIÓN CON EL NIVEL DE ACTIVIDAD FÍSICA Y FRECUENCIA EN CLASES
DE EDUCACIÓN FÍSICA**

Fernando M. G. Santos¹

Diogo B. Santos¹

Marcelo Porto²

RESUMO: Hoje em dia devido ao avanço da tecnologia, muitas crianças vêm sofrendo um empobrecimento muito grande em seu desenvolvimento motor. Verificou-se o nível de desenvolvimento motor dos alunos do 5º ano do ensino fundamental I, a sua relação com o nível de atividade física das crianças e a sua participação nas aulas de Educação Física. Participaram do estudo 21 alunos do 5º ano de uma escola particular da cidade de Bebedouro. Os resultados encontrados foram: Idade geral 124 meses, idade motora geral 109 meses, nível de atividade física: 491 MET's semanais, frequência em sala de aula: 91,4%. A relação entre o desenvolvimento motor, nível de atividade física e frequência nas aulas de educação física, entretanto os resultados não demonstraram correlação, entre os parâmetros avaliados ($p < 0,05$). Dessa forma concluímos que a frequência nas aulas de Educação Física não influencia positivamente o desenvolvimento motor.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar. Desenvolvimento Motor. Infância. Nível de Atividade Física.

ABSTRACT: *Hoy en día, debido al avance de la tecnología, muchos niños han dejado de lado los juegos y jugar en la calle, sufriendo un gran empobrecimiento en su desarrollo motor. Verificamos el nivel de desarrollo motor de los estudiantes en el quinto año de la escuela primaria, su relación con el nivel de actividad física de los niños y su participación en las clases de educación física. El estudio se incluyó a 21 estudiantes del quinto año en una escuela privada en la ciudad de Bebedouro. Edad general 124 meses, edad motora general 109 meses, en el nivel de actividad física: 491 MET,s; la frecuencia media de los estudiantes a las clases es del 91,4%. La relación entre el desarrollo motor, el nivel de actividad física y la frecuencia en las clases de educación física, o demostraron la correlación entre los parámetros evaluados ($p < 0,05$). Por lo tanto se deduce que la frecuencia en las clases de educación física no influye positivamente en el desarrollo motor.*

PALABRAS CLAVE: *Educación Física en la Escuela. El desarrollo motor. Niñez. Nivel de actividad física.*

¹ Graduado em Licenciatura em Educação Física no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP.

¹ Docente do curso de Educação Física no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: marceloport@unifafibe.com.br

1 INTRODUÇÃO

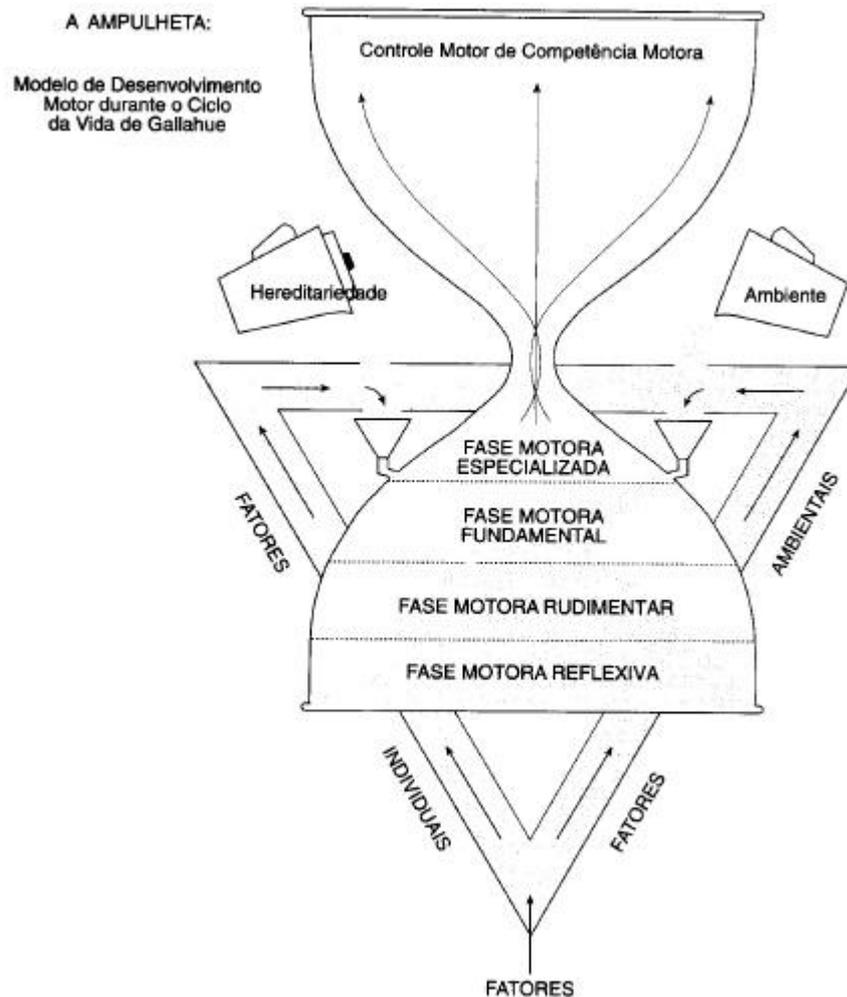
Um conceito chave que define o desenvolvimento motor segundo (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013) é que este é a mudança contínua do comportamento motor ao longo do ciclo da vida, provocado pela interação entre as exigências da tarefa motora, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente. O desenvolvimento é um processo contínuo que começa na concepção e cessa com a morte.

Apresentando um modelo bem interessante sobre o desenvolvimento motor que seria a ampulheta triangulada que explica muito bem o processo de desenvolvimento motor, onde a criança começa na fase do movimento reflexivo que vai de 0 á 1 ano de idade, logo vem a fase dos movimentos rudimentares que vai de 1 á aproximadamente 2 anos, depois vem a fase dos movimentos fundamentais (de 2 até os 7 anos de idade) e por fim, a fase dos movimentos especializados (aproximadamente a partir do 7 anos de idade).

Apresentando um modelo bem interessante sobre o desenvolvimento motor que seria a ampulheta triangulada que explica muito bem o processo de desenvolvimento motor, onde a criança começa na fase do movimento reflexivo que vai de 0 á 1 ano de idade, logo vem a fase dos movimentos rudimentares que vai de 1 á aproximadamente 2 anos, depois vem a fase dos movimentos fundamentais (de 2 até os 7 anos de idade) e por fim, a fase dos movimentos especializados (aproximadamente a partir do 7 anos de idade). Dentro da ampulheta, essas fases são alimentadas com três fatores primordiais para o desenvolvimento: as restrições do indivíduo, as restrições do ambiente e as restrições da tarefa, (FIGURA 1; GALLAHUE, OZMUN; GOODWAY, 2013).

Desta forma, além do processo natural de biológica, em especial do sistema nervoso central, o ambiente em que a criança se desenvolve e a dificuldade ou complexidade da tarefa a ser realizada, ou das experiências motoras pelo qual a criança passa ao longo da vida, contribuirão para a “bagagem” motora, que poderá ser enriquecida ou apenas modificada durante todo ciclo da vida do indivíduo (HAYWOOD; GETCHELL, 2010; GALLAHUE, OZMUN; GOODWAY, 2013).

FIGURA 1 – Modelo de ampulheta proposto por Gallahue; Ozmun; Goodway (2013) para ilustrar o desenvolvimento motor ao longo do ciclo da vida e os fatores que influenciam ou determinam esse desenvolvimento.



FONTE: Gallahue; Ozmun; Goodway (2013, p. 76)

Já para (HAYWOOD; GETCHELL, 2010) o desenvolvimento motor é definido por três características, primeiro é um processo contínuo de mudanças na capacidade funcional, ou seja, a capacidade de se movimentar, trabalhar, etc. Segundo, para as autoras, conforme a idade avança o desenvolvimento acontece (apesar de não ser dependente da idade). Terceiro envolve mudanças sequenciais, um passo leva o seguinte de maneira irreversível e ordenada.

Assim pensando na educação integral da criança, Freire (1997) aborda o desenvolvimento infantil; apontando que, toda criança nasce e possui recursos biológicos para respirar, mas isso não quer dizer que ela possa respirar por si só,

pois ela dependeria do meio externo para respirar, ou seja, ela depende do oxigênio. Relacionando com o desenvolvimento motor, acredita-se ser de fundamental importância proporcionar a criança um ambiente rico de estímulos, que permitam que ela experimente e supere novos desafios que permitirão o desenvolvimento de novos padrões motores. Nesse sentido, o professor de Educação Física no âmbito escolar, tem o papel de mostrar esse relacionamento criança e ambiente, fazendo com que a criança descubra meios de interagir e se desenvolver, reforçando, desta forma, a importância da Educação Física Escolar.

Para Ronchi (2010, p. 38).

Educação Física como disciplina integrante do currículo escolar é de grande importância no processo ensino-aprendizagem, pois é uma prática pedagógica em constante interação entre o sujeito e o contexto que está inserido, estando diretamente relacionada com a apropriação de conhecimento de corpo, movimento humano, cultura de movimentos e o desenvolvimento motor.

Seguindo essa linha, Balbé, Diaz e Souza (2009) destacam a importância do conhecimento dos professores de Educação Física, no que diz respeito à avaliação motora da criança, no sentido de acompanhar seu desempenho e desenvolvimento, detectando precocemente possíveis problemas motores. A intervenção do professor de Educação Física na escola é de fundamental importância, principalmente na atualidade, quando a televisão e os jogos eletrônicos têm substituído às brincadeiras tradicionais que proporcionavam muito mais experiências motoras à criança (STABELINI NETO et al., 2004; AZEVEDO, 2009). Além disso, hoje em dia, a modernidade, a industrialização e a falta de espaço físico para fazer atividades, têm levado à diminuição das experiências motoras e isso afeta principalmente as crianças (AZEVEDO, 2009).

Devido ao avanço das tecnologias, as crianças não estão se interessando muito por jogos e brincadeiras que demandam experiências motoras diversificadas. Conseqüentemente, seu repertório motor pode ser afetado de forma negativa. Assim, é importante saber quais as habilidades motoras mais prejudicadas pelos hábitos diários das crianças e qual a relação do desenvolvimento motor com a frequência nas aulas de Educação Física, uma vez que se acredita que as atividades oferecidas dentro dessas aulas poderiam compensar as atividades sedentárias da criança.

Embora o professor de Educação Física possa atuar para minimizar esse quadro, a maioria das grades curriculares do ensino fundamental oferecem apenas duas aulas por semana para cada turma. Nesse caso, as aulas de Educação Física seriam suficientes para o estímulo motor das crianças? O nível de atividade física das crianças estaria relacionado com a idade motora das mesmas?

2 MATERIAIS E MÉTODO

Este estudo é uma pesquisa de campo transversal de natureza descritiva, pois busca coletar dados e avaliar a relação entre o nível de atividade física, frequência nas aulas de Educação Física e o desenvolvimento de alunos do 5º ano do ensino fundamental (GIL, 2008).

2.1 Participantes

Participaram dessa pesquisa 21 alunos do sexo masculino e feminino de uma escola particular da cidade de Bebedouro/SP. Todas as crianças do 5º ano do ciclo fundamental I serão avaliadas. Entretanto, como critérios de exclusão, não serão utilizados nas análises os dados dos alunos que apresentem algum tipo de deficiência ou que não estejam na faixa etária pré-estabelecida para o estudo

2.2 Instrumentos da pesquisa

Para a realização deste estudo serão utilizados:

- a) Questionário de avaliação do nível de atividade física e comportamento sedentário para adolescentes com faixa etária 10-13 anos (ANEXO A) (MILITÃO et al, 2012).
- b) Lista de frequência dos alunos nas aulas de Educação Física.
- c) Bateria psicomotora Rosa Neto (ROSA NETO, 2002).

2.3 Procedimentos

O Projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética do Centro Universitário UNIFAFIBE. Após a aprovação do mesmo os participantes foram

convidados a participar do estudo. A escola, onde a pesquisa foi realizada, autorizou a realização do estudo em suas dependências e os pais ou responsáveis pelas crianças assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a participação da criança no estudo. Os dados foram coletados em uma escola particular da cidade de Bebedouro, com os alunos do 5º ano do ensino Fundamental. Para isso foi utilizado o “Questionário de avaliação do nível de atividade física e comportamento sedentário para adolescentes com faixa etária 10 – 13 anos. (MILITÃO et al, 2012)”, aplicado em apenas em um dia, com todas as crianças em sala de aula. Com nosso auxílio elas responderam o questionário. Posteriormente verificou-se a frequência dos alunos nas aulas por meio da lista de chamada do professor, como já citado acima, em um período de quatro meses, fevereiro, março, abril e maio (2015). Ao final aplicou-se a bateria psicomotora de Rosa Neto (2002), na qual existem sete testes motores, o de lateralidade, motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e estrutura espaço temporal, os testes foram aplicados nesta ordem citada acima, sendo assim aplicado um teste por aula, na ausência de algum aluno, houve aplicação do teste em outro dia letivo.

2.4 Análise dos Dados

Para a descrição da idade motora das crianças, foi utilizado o resultado individual dos cálculos propostos pelo protocolo da própria bateria Psicomotora de Rosa Neto, bem como as médias e desvios padrão do grupo; o questionário “Avaliação do nível de atividade física e comportamento sedentário para adolescentes com faixa etária 10-13 anos” foi analisado em unidades metabólicas (MET’S) no qual classifica o nível de atividade dos alunos, com cálculos propostos pelos autores. Para verificar a relação entre o desenvolvimento motor e o nível de atividade física e o número de frequência nas aulas de Educação Física, foi utilizado a análise de correlação de Pearson, com nível de significância de $p < 0,05$.

3 RESULTADOS

Este estudo analisou a relação entre o desenvolvimento motor, nível de atividade física e frequência nas aulas de educação física, entretanto os resultados não tiveram correlação.

Os resultados foram apresentados e discutidos individualmente e comparados com estudos que seguem a mesma linha.

TABELA 1 – Desenvolvimento neuromotor e nível de atividade física.

Variável	Média	Δ/Classificação
Idade Motora (Meses)	109 ± 2,89	-
Idade Cronológica (Meses)	124 ± 2,89	-15 meses
Quociente Motor Geral (Score)	88 ± 4,83	Normal baixo
Nível de Atividade Física (MET'S)	491 ± 406,46	Sedentário

Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar na TABELA 1, a idade cronológica geral dos alunos é de 124 meses ($\pm 2,89$), entretanto sua idade motora geral em meses é de 109, ($\pm 2,89$), assim pode-se constatar que a idade motora dos alunos está negativa e bem abaixo de sua idade cronológica, chegando a 15 meses de diferença. Comparando com o estudo Rissi (2013), no qual avaliou 23 crianças na faixa etária de 3 a 6 anos, observou uma idade motora baixa com 86.9% das crianças com idade motora negativa em seus pré-testes, já em seu pós-testes caiu para 52.2%; Em outro estudo relacionado, Scalón (2013) que avaliou 24 crianças de ambos os sexos, na faixa etária de 5 a 7 anos, no qual foram divididas em dois grupos: 12 crianças praticantes de natação, e 12 crianças matriculadas em uma escola municipal, constatou no grupo controle que 8(67%) das 12(100%) crianças tinham uma idade motora negativa, sendo que no grupo natação obteve-se um resultado melhor, com 6(50%) crianças com a idade motora em sua normalidade ou acima da idade motora.

Relacionado os resultados dos estudos apresentados com o do presente estudo, pôde-se observar um déficit na idade motora em relação à idade cronológica, entretanto, foi constatado que crianças que mantêm alguma atividade física extraescolar apresentaram uma idade motora avançada se comparado com os alunos que apenas fazem atividades físicas na escola, ou seja, o desenvolvimento

motor das crianças não depende somente do biológico e sim do ambiente em que esta inserida e da tarefa.

Observando o resultado do QMG (quociente motor geral), no qual classifica o desenvolvimento motor das crianças, obteve um resultado geral de 88 ($\pm 4,83$), no qual os classifica em Normal Baixo, um resultado não tão bom para sua idade geral; Entretanto, em um estudo realizado, Rosa Neto et al. (2010) que avaliou o desenvolvimento motor de 101 escolares com idade entre 6 e 10 anos, obtiveram um resultado diferente, no qual 74(73,3%) das crianças foram classificadas como Normal Médio, esse resultado superior pode ser constatado pelas crianças terem um nível de atividade física maior do que as crianças do presente estudo e por outros fatores que precisam ser estudados, todavia, não pode-se confirmar tal hipótese, pois tal estudo teve o objetivo de validar uma bateria de escala de desenvolvimento motor (EDM).

Em contra ponto a isso outro estudo feito por Ronque et al. (2007), que avaliou o desenvolvimento motor de 511 crianças (274 meninos e 237 meninas), constatou que apenas 15% dos meninos e 21% das meninas apresentaram resultados satisfatórios para a aptidão física, o que se faz muito pobre o desenvolvimento motor das crianças, e ressaltaram que estudos posteriores devem ser feitos para analisar o nível de atividade física e o modo como as crianças se alimentam, ou seja, pode ter uma forte relação entre eles, entretanto não pode-se comprovar, acredita-se que esse baixo nível de desenvolvimento motor de ambos os estudos pode estar relacionado a falta de práticas esportivas, brincadeiras e jogos; como citado por (HAYWOOD; GETCHELL, 2010).

Em contra ponto a isso outro estudo feito por Ronque et al. (2007), que avaliou o desenvolvimento motor de 511 crianças (274 meninos e 237 meninas), constatou que apenas 15% dos meninos e 21% das meninas apresentaram resultados satisfatórios para a aptidão física, o que se faz muito pobre o desenvolvimento motor das crianças, e ressaltaram que estudos posteriores devem ser feitos para analisar o nível de atividade física e o modo como as crianças se alimentam, ou seja, pode ter uma forte relação entre eles, entretanto não pode-se comprovar, acredita-se que esse baixo nível de desenvolvimento motor de ambos os estudos pode estar relacionado a falta de práticas esportivas, brincadeiras e jogos; como citado por (HAYWOOD; GETCHELL, 2010).

Já no estudo de Scalon (2013), tem um resultado bem semelhante entre os grupos de natação e o grupo controle para com o desenvolvimento motor, no qual ambos estão com 58% classificados em “Normal médio”, entretanto o grupo natação tem uma porcentagem maior em “Normal alto” chegando a 25% e o grupo controle somente 8,30% das crianças. Rissi (2013) relata que após sua intervenção com atividades motoras em circuito com as crianças, obteve uma melhora na psicomotricidade de ambas, fazendo com que o QMG dos avaliados aumentasse de maneira significativa, sendo que no pré-teste os avaliados se classificavam com mais de 20% como “Muito inferior”, que é a pior classificação do teste psicomotor, mais de 15% classificados em “Inferior” e 30% classificados como “Normal baixo”, porém após a intervenção todos que estavam classificados em “Muito inferior” e “Inferior”, já não tinham mais esta classificação, e os 30% que estavam em “Normal baixo” caiu para um pouco mais de 20%, assim aumentando de maneira significativa o QMG para “Normal médio”, que antes era pouco mais de 20% e no pós-teste subiu para 40%.

O que se pode observar destes dados apresentados em relação ao resultado obtido em nosso estudo, é que atividades psicomotoras e atividades físicas extraescolares podem fazer com que o indivíduo obtenha níveis mais altos de desenvolvimento motor, ou seja, o brincar para a criança é igualmente como o trabalho para o adulto, sendo assim essas atividades podem fazer com que as crianças se desenvolvam tanto as habilidades amplas quanto as finas. Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), isso poderá ocorrer certamente se a criança tiver estímulo adequado por parte dos pais e de um profissional de educação física.

Ao complementar e não relacionar a esse baixo desenvolvimento motor, o nível de atividade física dos alunos também foram bem baixos, com a média geral de 491 MET's \pm 406,46 semanal, que os classificou como “Sedentários”, no qual 76% ou 16 crianças estão classificadas como “Sedentárias”, 14% ou 3 crianças estão como “Irregular ativo” e 10% ou 2 crianças estão como “Ativo”.

Seguindo essa mesma linha de estudo, Farias e Salvador (2005) no qual avaliou a antropometria, composição corporal e atividade física de 154 alunos do gênero masculino e 149 do gênero feminino e ambos de 11 a 15 anos; constatou-se que mais da metade dos avaliados 58,41% foram classificados como sedentários ou insuficientemente ativos.

Fortalecendo esses índices apresentados segundo Silva et al. (2009) em estudo realizado na cidade de Aracaju (SE) com o intuito de avaliar o nível de atividade física e o comportamento sedentário de 1028 escolares de ambos os sexos, no qual 254 eram crianças com média de 12 anos e 774 adolescentes com média de idade de 16 anos; obteve-se o resultado geral de 78,6%, sendo 64,9% de crianças e 83,1% de adolescentes classificados como sedentários.

Concretizando tais dados apresentados sobre sedentarismo, um estudo de revisão sistemática, sobre os níveis de atividade física em brasileiros Tassitano et al. (2007) constatou que os baixos níveis de atividade física em adolescentes variou de 39% a 93,5%, concluindo que precisa-se de um esforço constante para que os níveis de atividade física dos alunos possam melhorar. Um fator que corrobora para esse déficit de nível de atividade física segundo a UNESCO, no qual fala que adultos e crianças em todo o mundo estão com seus níveis de atividade física habituais cada vez menores, fazendo o desempenho escolar das crianças diminuírem e conseqüentemente a expectativa de vida de ambos; a OMS (Organização Mundial da Saúde) caracteriza esses dados como uma pandemia que vem ocasionando a morte de 3,2 milhões de pessoas por ano. Segundo eles uma possível solução para tal problema seria o governo deixar de cortar gastos e investir mais nas aulas de Educação Física, ou seja, aumentar as práticas nas escolas, qualificar os profissionais e melhorar a qualidade do ambiente em que se trabalha (UNESCO, 2015).

Entretanto, pode-se constatar no presente estudo que a frequência dos alunos nas aulas de Educação Física não apresentou relação com desenvolvimento motor e o nível de atividade física, no qual se pode verificar na Tabela 2 que os alunos tinham uma boa frequência nas aulas, sendo que 8 alunos tiveram 100% de frequência nas aulas, 5 tiveram 96%, 5 tiveram 92%, 1 teve 88% e 2 tiveram 81% , o que nos dá uma média geral de 91,4%,

TABELA 2 – Porcentagem frequência dos alunos nas aulas de Educação Física

Número de alunos	Porcentagem de alunos	Frequência nas aulas
8	38%	100%
2	10%	81%
5	24%	96%
5	24%	92%
1	5%	88%

Fonte: Elaboração própria

Comparando com o resultado da intensidade das aulas dos alunos, há um estudo que fortalece a baixa intensidade das aulas de Educação Física, no qual analisou os esforços físicos nas aulas de Educação Física através dos batimentos cardíacos, onde foram analisados 144 aulas de 15 diferentes escolas do ensino fundamental e médio, na cidade de Londrina-PR, destacou o baixo nível de intensidade e duração dos esforços físicos para com as aulas, onde estão abaixo do limite necessário para que possa ocorrer algum benefício a saúde. Dos 50 minutos de aula os alunos estavam fazendo as atividades entre 37-40 minutos, e os outros 10-13 eles estavam envolvidos em outras atividades fora do contexto proposto, e entre esse tempo de atividade a intensidade do exercício foi baixa com o batimento cardíaco das crianças de 5ª a 6ª série, tendo uma frequência cardíaca entre 120 e 149 bpm (batimentos por minuto) (GUEDES; GUEDES, 2001), ou seja, as aulas de Educação Física não estavam colaborando de forma considerável com o desenvolvimento motor das crianças e tão pouco com sua qualidade de vida.

Corroborando aos dados apresentados, em outro estudo Toigo (2007) analisou os níveis de atividade física de crianças e adolescentes nas aulas de Educação Física, com resultados obtidos em pesquisas nacionais e internacionais, citando em seu trabalho um estudo feito nos EUA por Anderson; Barrete (1978) onde mostrou que apenas 30% da aula é engajada para a prática de exercício, 33% em espera, 22% administração e 25% de instrução por parte do professor. Em outro estudo citado neste mesmo trabalho Simons e Morton et al. (1994) usando o método de observação sistemática, analisaram 20 escolas do ensino fundamental e 7 escolas do ensino médio no Texas, Estados Unidos, obteve-se uma média de 20,6% no qual os alunos do fundamental estão engajados em atividades físicas de média a alta intensidade, e no ensino médio 24%, o que não se difere da realidade apresentada aqui, e reafirmando ainda mais as informações da UNESCO(United

Nation Educational, Scientific and Cultural Organization, ou em tradução livre para o português, Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas) e OMS(Organização Mundial da Saúde). Em outra pesquisa apresentado neste mesmo trabalho, feito por Carniel e Toigo (2003) que analisou o tempo das aulas de Educação Física em 5 escolas particulares na cidade de Porto Alegre, Brasil, e obteve uma média de 44% das aulas voltadas a espera, instrução 8,6%, administração 16,5% e restando apenas 29,9% para a aprendizagem, o que se faz em tempo real 14 minutos. Analisando todos estes dados apresentados, as aulas de Educação Física pouco têm colaborado para com o desenvolvimento motor das crianças, devido a fatores primordiais que fazem com que aumente seu repertório motor, um deles é a intensidade das aulas que normalmente são abaixo do nível esperado para obter-se algum resultado positivo, o outro seria o tempo das aulas que é mal aproveitado pelo professor e contem em sua maioria apenas duas aulas por semana, ou seja, muito pouco tempo para que ocorra algum benefício para o desenvolvimento integral da criança.

4 CONCLUSÃO

Por meio deste estudo, foi possível concluir que os três fatores avaliados (Desenvolvimento motor, nível de atividade física e frequência nas aulas de Educação Física) não tiveram correlação, como já abordado, assim relacionando o baixo nível de atividade física e desenvolvimento motor dos alunos com falta de estímulos, pouco tempo de atividade física habitual e também a intensidade dos exercícios propostos nas aulas de Educação Física e em seu dia a dia, que fazem toda a diferença para que ambos possam ser de fato considerados aceitáveis.

Em relação à frequência nas aulas de Educação Física no local estudado constatou-se que as mesmas não estão interferindo positivamente para com o desenvolvimento motor e nível de atividade física, considerando que os alunos tem um alto índice de frequência e intensidade classificada como moderada/baixa e apenas duas aulas por semana, onde o tempo que o professor gasta até começar a atividade, a maneira como o professor conduz a aula, ou seja, como ele estimula os alunos a fazer suas aulas e o tempo em que os alunos realmente estão praticando as atividades propostas pelo professor, no qual em sua maioria duas equipes jogam e as outras ficam sentadas esperando. Dessa forma novos estudos devem ser

realizados, para constatar de fato quais fatores estão realmente interferindo e fazendo o desenvolvimento motor das crianças estarem abaixo do esperado.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, J. B. Nível de desempenho motor de crianças com 10 anos de idade em escola pública de Porto Alegre. 2009. Dissertação (Licenciatura Plena em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BALBÉ, G. P.; DIAS, R. G.; SOUZA, L. S. Educação física e suas contribuições para o desenvolvimento motor na educação infantil. *Efdeportes: Revista Digital*, Buenos Aires, ano 13, n. 129, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd129/educacao-fisica-e-desenvolvimento-motor-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2015.
- CALDEIRA, B. N. Nível de desenvolvimento motor de crianças do jardim B de uma escola estadual de Porto Alegre. 2013. Dissertação (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- FARIAS, e. dos S.; SALVADOR, M. R. D. Antropometria, composição corporal e atividade física de escolares. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2005.
- FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1997.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Rio de Janeiro: Mcgraw-Hill Brasil, 2013.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Esforços físicos nos programas de educação física escolar. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 33-44, jan./jun. 2001.
- HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. Desenvolvimento motor ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MILITÃO A. G. et al. Reprodutibilidade e validade de um questionário de avaliação de nível de atividade física e comportamento sedentário de escolares de 10 a 13 anos de idade. Distrito Federal, Brasil, 2012. *Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília*. v. 22, n. 1, mar. 2013. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742013000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- RISSI, J. B. D. Efeito de um circuito de atividades psicomotoras no desenvolvimento motor em crianças de 3 a 6 anos. 49 p. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro, 2013.

RONCHI, F. M. A influência da educação física escolar para o desenvolvimento motor nas séries iniciais do ensino fundamental. 2010. Dissertação (Título de especialista em Educação Física Escolar) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

ROQUE, E. R. V. et al. Diagnóstico da aptidão física em escolares de alto nível socioeconômico: avaliação referenciada por critérios de saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 13, n. 2, mar. /abr. 2007.

ROSA NETO, F. et al. A importância da avaliação motora em escolares: análise da confiabilidade da escala de desenvolvimento motor. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, v. 12, n.6, p. 422-427, 2010.

ROSA NETO, F. Manual de avaliação motora. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCALON, R. C. B. Influência da natação no desenvolvimento motor em crianças com faixa etária de 5 à 7 anos. 45 p. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro, 2013.

SILVA, D. A. S. et al. Nível de atividade física e comportamento sedentário em escolares. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, v.11, n. 3, p.299-306, 2009.

STABELINI NETO, A. et al. Relação entre fatores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. v. 3, n. 3, p. 135-140, 2004.

TESSITANO, R. M. et al. Atividade física em adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, v. 9, n. 1, p. 55-60, 2007.

TOIGO, A. M. Níveis de atividade física na educação física escolar e durante o tempo livre em crianças e adolescentes. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 6, n. 1, p. 45-56, 2007.

UNESCO. Educação física para uma vida mais saudável, feliz, longa e produtiva. 2015. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-thisoffice/singleview/news/physical_education_for_healthier_happier_longer_and_more_productive_living-1/#.Vhkenyud61Z>. Acesso em: 22 jun. 2015.